

## **Imprensa Alternativa em Goiás: O Jornal *Top News* (1973-1983) e a Cooperativa de Jornalistas de Goiás (Projornal) no contexto do final da ditadura militar<sup>1</sup>**

Kalyne MENEZES<sup>2</sup>  
Rosana Maria Ribeiro BORGES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO

### **RESUMO**

O trabalho é fruto de uma necessidade de pesquisa relacionada à História da Imprensa em Goiás, que praticamente não possui análises acerca do *Top News*, periódico engajado, irreverente e crítico que despontou no final da década de 1970 e se firmou no início de 1980, vinculado à Cooperativa de Jornalistas de Goiás (Projornal). O corpo teórico dialoga com autores vinculados aos Estudos Culturais, enquanto instrumentos metodológicos apoia-se em pesquisa documental e entrevistas. As considerações finais apontam que tanto o jornal quanto a Cooperativa foram instrumentos de resistência, ao mesmo tempo em que inovaram nas práticas de produção e de circulação jornalísticas, alimentados por ideais de construção de profissões e conteúdos engajados e autossustentáveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal *Top News*; PROJORNAL; Imprensa Alternativa em Goiás; História da Imprensa em Goiás.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Construir análises sobre um jornal goiano da década de 1970 não é uma tarefa fácil, pois, apesar do primeiro periódico ter sido impresso na então Província de Goyaz no ano de 1830, uma obra que proponha uma síntese desses 189 anos de História da Imprensa goiana ainda está processo de elaboração<sup>4</sup>. Mesmo assim, e com a consciência de que o conhecimento histórico é um saber que está sempre em construção, propõe-se aqui tecer considerações preliminares sobre um jornal que circulou em Goiânia no final da ditadura militar, entre as décadas de 1970 e 1980, cuja análise ainda carece de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da FIC-UFG, e-mail: [mskalyne@gmail.com](mailto:mskalyne@gmail.com).

<sup>3</sup> Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da ECO-UFRJ e professora do PPGCOM FIC-UFG, e-mail: [rosanaborges.ufg@gmail.com](mailto:rosanaborges.ufg@gmail.com).

<sup>4</sup> Trata-se do Projeto de Pesquisa de estágio pós-doutoral intitulado “História Cultural da Imprensa em Goiás: dos idos tempos coloniais à modernidade mercadológica”, que está sendo desenvolvido por Rosana Maria Ribeiro Borges no PPGCOM da ECO-UFRJ, sob orientação da Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa.

atenção. Trata-se do *Top News*, veículo jornalístico que circulava gratuitamente, com tiragem em torno de 30 mil exemplares e que, segundo Rodovalho (2006), era produzido por jornalistas irreverentes, engajados e críticos, com angulação debochada e altíssima repercussão política. Posteriormente, esses jornalistas fundaram a Cooperativa de Jornalistas de Goiás (Projornal), entidade que ficou responsável pela produção e pela circulação do periódico, cujos detalhes serão expostos mais adiante.

Considerando a importância simbólica do *Top News* para a sociedade goianiense e, especificamente, para a formação profissional de jornalistas, é que se propõe a presente reflexão, que, como dito, objetiva construir uma primeira leitura acerca deste periódico, tendo em vista que um estudo mais completo será desenvolvido em um Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), nível Doutorado, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG)<sup>5</sup>. O principal questionamento, portanto, está relacionado à seguinte pergunta: a partir de um levantamento bibliográfico e documental preliminar, o que é possível saber a respeito do *Top News*, jornal que, até o presente momento, está silenciado na História da Imprensa goiana?

O estudo identifica uma quase inexistência de produções acadêmicas sobre o jornal *Top News*<sup>6</sup>, e compreende que o caminho possível para a construção de uma leitura do mesmo perpassava pela memória de jornalistas que ali atuaram como editores e colaboradores, tais como Joãoimar Carvalho de Brito Neto, jornalista e professor aposentado do Curso de Jornalismo da FIC/UFG e Nilton José dos Reis Rocha, também jornalista e ainda professor do Curso de Jornalismo da FIC/UFG.

De acordo com Ferreira (1996), a História Oral é um método e uma técnica capaz de expandir os debates sobre a memória, cujas “chaves de leitura” são capazes de ampliar os horizontes para que melhor se compreenda o passado e, assim, mais bem se entenda o presente. E acrescenta que é preciso “[...] reconhecer o uso da fonte oral como uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador” (FERREIRA, 1996, p. 26). Nesse mesmo sentido, Lang (1996, p. 34) afirma que as fontes utilizadas em uma pesquisa alicerçada na História Oral objetivam sempre a construção de documentos,

---

<sup>5</sup> Projeto proposto por Kalyne Menezes Souza e orientado por Rosana Maria Ribeiro Borges.

<sup>6</sup> No Levantamento Bibliográfico empreendido, encontrou-se apenas um artigo sobre o *Top News*. Intitulado *Lições de um jornalismo debochado*, o texto, assinado por Mariane Rodovalho (2006), foi publicado em 2006 na Revista *Intervozes do Coletivo Brasil de Comunicação Social*.

---

uma vez que este método “[...] registra a experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade”.

A autora destaca várias técnicas e métodos que podem ser utilizados nesse tipo de projeto. Uma maneira mais livre seria o *relato oral de vida*, onde o pesquisador aborda determinados aspectos do entrevistado, mas permite que o mesmo tenha ampla liberdade de exposição. Embora sejam expostos os tópicos a serem discorridos pelo sujeito pesquisado, o pesquisador restringe a temática e a direciona na condução da entrevista. Outra forma bastante aplicada é constituída de *depoimentos orais*, na qual se busca “dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em determinadas instituições que se quer estudar” (LANG, 1996, p. 35). A forma de entrevista nesta modalidade é mais direta em relação aos acontecimentos que se quer estudar. Assim sendo, ainda segundo a autora, quando se trabalha com História Oral a entrevista é a técnica de coleta de dados mais difundida e utilizada, e foi essa a escolha que na presente pesquisa se fez, ou seja, entrevista na forma de *depoimento oral*.

Cabe ressaltar ainda que o método escolhido baseia-se na memória e a memória é sempre uma reconstrução, posto que ela evoca um passado visto pela perspectiva do presente. Além disso, a memória é uma categoria social e temporalmente delimitada, ou seja, é sempre individual sem deixar de ser coletiva:

É no indivíduo que a História Oral encontra sua fonte de dados, mas sua referência não se esgota nele, dado que aponta para a sociedade. O indivíduo que conta sua história, ou dá seu relato de vida não constitui ele próprio o objeto de estudo; a narrativa constitui a matéria prima para o conhecimento sociológico que busca, através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais que se insere em sua dinâmica. (LANG, 1996, p.36)

Portanto, ainda segundo Lang (1996), a construção documental originária da História Oral tem sempre uma apresentação subjetiva calcada no prisma e nas percepções de quem narra, ou seja, do sujeito social. Mas isso não quer dizer que a História Oral se restringe a apenas um relato, pois, ao contrário, abre a possibilidade de leitura social quando trabalha vários indivíduos numa mesma coletividade, em de múltiplas versões individuais que permitem “[...]reconstruir, através de vários relatos, a história estrutural e sociológica de determinados grupos, reconstruir a trajetória de um grupo social” (LANG, 1996).

Nesse sentido, Pessanha (1996) avalia que os relatos orais dão conta de dimensões específicas para apreensão do social e os usam de forma combinada com dados oriundos da documentação escrita. São sensíveis à importância das questões metodológicas e preocupados em explicitar os procedimentos adotados, os critérios utilizados, os controles acionados durante o trabalho. No que concerne a tais questões, no presente estudo combinou-se as narrativas construídas pelos jornalistas e outros profissionais com o supracitado estudo sobre o jornal *Top News*.

## **DEBOCHADO, IRREVERENTE, CONTESTADOR E FORMADOR**

O jornal *Top News* foi fundado em junho de 1973 em Goiânia, pelos jornalistas Paulo Ramos da Silva e Cristóvão Gabine do Nascimento, deixando de circular em junho de 1975. Em junho de 1978, foi reavivado sob a direção dos jornalistas Paulo Ramos Silva, Fued José Nassif e Henrique Duarte Ferreira. De acordo com Rodovalho (2006, p. 179), a ideia original do semanário era “firmar-se como um jornal de serviços”, mas acabou adquirindo um caráter místico. Foi somente no ano de 1980, quando o jornalista Joãomar Carvalho de Brito Neto assumiu a direção do periódico que o caráter de crítica política de Goiás tomou corpo. A partir daí, ainda segundo a autora, “a crítica debochada surge aos poucos, conforme seus jornalistas vão percebendo que assim sua mensagem chegava com mais força, e mais longe (RODOVALHO, 2006, p. 170).

**Imagem 1: Capa do Jornal Top News**



Fonte: Rodovalho, 2006, p. 175.

Em entrevista concedida para este estudo<sup>7</sup>, Joãoimar Carvalho de Brito Neto (2019, n.p.) pontuou que o *Top News* era um semanário crítico que, com o tempo, amadureceu editorialmente e que, em sua fase áurea, chegou a ter sucursais em Anápolis (GO) e Brasília (DF):

[...] semanário com *vocação para a crítica*, que dava o tom mais geral para suas reportagens. Em suas colunas esta característica é bem visível. Eram espaços de desabafos inteligentes, que ganharam força na última etapa do jornal [...]. Era o jeito do jornal na sua fase mais madura editorialmente. Por isso, era respeitado [...] ajudava muito o fato de ser um jornal de *distribuição gratuita* em Goiânia (setores centrais de Goiânia), assim como em Anápolis e Brasília, onde chegou a ter sucursais, em sua melhor fase. (Grifos do entrevistado).

Já na leitura de Nilton José dos Reis Rocha (RODOVOALHO, 2006), além de ser uma referência na Região Metropolitana de Goiânia (REG), o *Top News* era um jornal aberto aos temas sociais e tinha ainda uma linha editorial popular e comunitária, o que garantia discussões que, à época, eram consideradas absurdas, a exemplo das pautas do movimento *gay*, dos posseiros urbanos e das donas de casa:

As pessoas procuravam o *Top News* porque ele era uma referência. Os políticos de oposição e os movimentos sociais sabiam que, no *Top News*, o material deles seria veiculado sem nenhum corte. Todo tipo de material. O *Top News* era um jornal muito aberto e foi um dos primeiros, por exemplo, a falar do movimento *gay*, a ter como linha uma defesa do homossexualismo enquanto direito. Isso era um absurdo para a época. Os movimentos urbanos, os posseiros urbanos, alguns movimentos de sabedoria popular, movimento das donas de casa, ONGs ligadas ao movimento popular, todo mundo tinha espaço no *Top News*. Ele era o desaguadouro de muitas dessas inquietações e aspirações dos movimentos populares. (RODOVOALHO, 2006, p.175)

Corroborando com o depoimento de Rocha, Brito Neto (2019) acrescenta que o *Top News* foi inovador em diversos aspectos, tais como a abertura de espaços para que diversos movimentos populares e setores emergentes da política de esquerda publicassem as suas opiniões, sem cortes ou qualquer outro tipo de censura por parte dos editores. Além disso, o jornal também se tornou referência pela crítica ácida aos veículos da grande mídia, que o entrevistado conceitua como “tradicionalis e autoritários”, além de ter inovado na constante realização de autocrítica do que era ali era impresso. Contudo, talvez o maior embate dos conteúdos do *Top News* esteja na

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2019, por e-mail.

divulgação de denúncias contra torturadores, o que foi realizado na fase final da ditadura militar brasileira, e que gerou perseguição política a vários profissionais vinculados ao periódico. Outro ponto que preliminarmente pode ser destacado está no fato do *Top News* acolher jornalistas recém-formados em seu corpo de colaboradores, o que, de acordo com Brito Neto (2019), permitiu um aprendizado diferenciado da prática jornalística em uma mídia alternativa.

Editorialmente, Brito Neto (2019, n.p.) divide o *Top News* em duas fases: na primeira, havia uma predominância das matérias enviadas por agências de publicidade, fazendo com que o jornal se tornasse “uma espécie de porta-voz” dessas empresas. Essa relação, ao mesmo tempo em que garantia a circulação de conteúdo, também trazia suporte financeiro. Contudo, quando o corpo diretivo e editorial deliberou pelo rompimento com as agências de publicidade, o impresso perdeu praticamente todo o financiamento que dispunha e que, inclusive, garantia a sua circulação gratuita. E foi justamente neste momento, entre 1979 e 1983, que o *Top News* entrou em sua segunda fase, com a linha editorial redefinida para um semanário político com angulação crítica:

*A segunda fase* começou com o jornal precisando se redefinir editorialmente. Paulo Ramos propôs, após muita conversa com amigos e conosco da redação, que o jornal se tornasse um semanário político, com claro viés crítico. Ele ganhou novo desenho, mas sobrevivia com dificuldade para pagar sua folha de pagamento. O governador Ari Valadão (1979-1983) se interessou pessoalmente pela situação financeira do jornal, passando a liberar publicidade oficial, mesmo tendo setores do seu governo constantemente criticados pelo jornal. Isto salvou o jornal, que conseguia manter uma linha de relativa autonomia em relação ao Estado. As críticas eram mais densas nas colunas dos jornalistas, onde a irreverência e o deboche eram os pratos mais servido (BRITO NETO, 2019, n.p.. Grifos do entrevistado).

O respiro financeiro do *Top News* não durou muito já que, em 1983, Ari Valadão deixou o Governo de Goiás, posto que foi assumido por Iris Rezende Machado, cuja linha de governo, na leitura de Rodovalho (2006), estrangulou as experiências progressistas que estavam sendo construídas no momento histórico marcado pela abertura política do país. Especificamente, os pequenos veículos de jornalismo sofreram grandes impactos, uma vez que o novo Governador do Estado implementou uma nova política de distribuição de verbas publicitárias que rompeu com os contratos de prestação de serviços. O *Top News* foi um dos jornais atingidos. Nesse contexto, grande parte da redação do *Top News* foi transferida para a Cooperativa de Jornalistas de Goiás

---

(Projornal), que passou a ser responsável pelo periódico, inaugurando, assim, uma terceira fase.

## **A PROJORNAL E OS ENFRENTAMENTOS DA IMPRENSA ALTERNATIVA EM GOIÁS**

A Projornal foi fundada em 12 de dezembro de 1978, numa solenidade realizada no auditório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Goiás (EMATER GO), que contou com a presença do chefe do Serviço de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria da Agricultura de Goiás, Clemente Álvares Aquino, e do gerente de Cooperativismo da EMATER-GO, Afonso Vieira Barros, além de 29 fundadores e dezenas de jornalistas, simpatizantes e apoiadores da iniciativa (DA PROJORNAL, 1980).

No mesmo dia da fundação a primeira diretoria da Projornal tomou posse, tendo como presidenta do Conselho Administrativo a jornalista Marli da Silva Brasil. Em seguida, a entidade solicitou autorização de funcionamento ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que era o órgão responsável pelas cooperativas brasileiras. Pouco mais de um mês depois, mais especificamente no dia 31 de janeiro de 1979, o INCRA emitiu a Autorização de Funcionamento nº 2738/79 a favor da Projornal.

Nos demais órgãos a que deve ser vinculada a Projornal foi registrada ou deu entrada, sob os seguintes números: Junta Comercial do Estado, 52.40008290, em 12 de fevereiro de 1979; Serviço de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria da Agricultura, em 16 de fevereiro de 1979; 84/79, Organização das Cooperativas de Goiás, em 22 de fevereiro; 324.171,8/00, Cadastro Comercial, Industrial e Prestacional da Prefeitura de Goiânia, em 16 de maio de 1979. A Cooperativa é isenta de Imposto de Renda, embora esteja registrada também nesse serviço, e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (DA PROJORNAL, 1980, P. 366).

De acordo com o estatuto aprovado na sua fundação, a Projornal tinha sede administrativa e foro jurídico em Goiânia, mas a sua área de abrangência era estadual. Como objetivos, a Cooperativa visava a colaboração recíproca entre os seus associados, afim de promover “o estímulo, desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades de caráter comum; a venda em comum de sua produção jornalística, publicitária, editorial e de serviços gráficos nos mercados locais, nacionais e

internacionais” (DA PROJORNAL, 1980, p. 366). Desse modo, a Projornal foi idealizada para atuar como uma editora que organizaria, reuniria, registraria, editaria e comercializaria a produção dos seus cooperados que, de acordo com o Estatuto da Cooperativa, poderiam ser jornalistas ou profissionais de outras áreas da Comunicação Social:

*Cooperados* – Poderá ingressar na Cooperativa, salvo se houver impossibilidade técnica de prestação de serviços, qualquer pessoa que se dedique à atividade jornalística, que possa livremente dispor e si e de seus bens, que concorde com as disposições estatutárias e não pratique outra atividade que possa prejudicar ou colidir com os interesses e objetivos da entidade. Visando exclusivamente aos seus interesses operacionais, a Cooperativa poderá admitir sócios profissionais das áreas de publicidade, cinema, artes gráficas e magistério de Comunicação Social, desde que não associados a outra sociedade cooperativa de objetivo idêntico ao seu, em número igual ou inferior a um quinto dos membros do quadro social na época da entrega da proposta (DA PROJORNAL, 1980, p. 367).

Conjuntamente, a Projornal foi criada no contexto de uma análise crítica sobre o mercado editorial jornalístico em Goiás, que acumulava restrições tanto quanto à contratação de profissionais, quanto à própria circulação da informação:

Ela veio de uma análise crítica do setor jornalístico em Goiás que começou, pelo menos, dois anos antes. No início eram poucos que partilhavam dessa preocupação. À medida em que as discussões foram se aprofundando, detectando melhor os pontos de estrangulamento e visualizando novos caminhos, o grupo foi crescendo e passou a contar com um maior número de colegas interessados na realização de um esquema que resultasse em benefício geral da classe (DA PROJORNAL, 1980, p. 365).

Tal como ocorria com o *Top News*, a Projornal também acolhia em seu quadro de colaboradores profissionais recém formados pela UFG, cujo curso de Jornalismo foi criado em 1966, abrindo, portanto, novos mercados de trabalho na imprensa alternativa. A respeito do assunto, assim registrou a AGI:

Outro aspecto está relacionado com a existência [...] do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Goiás que, anualmente, vinha formando novos profissionais sem que houvesse um equivalente aproveitamento pelas empresas: a Projornal veio para buscar suprir essa carência, ampliando o mercado de trabalho (DA PROJORNAL, 1980, p. 365).

Já com base na perspectiva de Rodovalho (2006), podemos afirmar que a Projornal foi inspirada em outras cooperativas de jornalistas e de imprensa, como a



---

Coojournal (1974-RS), a Coorjournal (1977-RN) e a F4 (SP), e cumpriu uma importante função social e histórica ao criar mercados de trabalho alternativos para jornalistas que sofriam perseguições políticas no final da ditadura militar brasileira:

O professor Joãoimar Carvalho, editor do *Top News*, foi um dos fundadores da Projornal, segundo ele “a posição assumida pelo primeiro governo democrático em Goiás originou o fim das experiências alternativas de comunicação”, o que originou “uma sistemática do controle da informação como linha geral, que determina uma perseguição a jornalistas considerados extremamente autônomos e independentes, demissão de jornalistas e controle excessivo do governo com a imprensa, quebrando sua evolução em Goiás”. (RODOVOALHO, 2006, p.176. Grifos da autora)

Tanto Rodovalho (2006) quanto Brito Neto (2019) asseguram que quando o *Top News* passou a ser produzido pela Projornal, a linha editorial adotada focou-se em pautas locais de interesse da cidade e, principalmente, das organizações da sociedade civil e movimentos populares que não tinham voz nos grandes veículos de jornalismo. Por isso, passou a ser um instrumento semanal de informação e de formação. Cabe ressaltar que em todas as suas fases, o *Top News* tinha uma tiragem semanal de cerca de 30 mil exemplares que eram distribuídos gratuitamente na Região Central de Goiânia em padarias, condomínios e prédios públicos, chegando à periferia por meio da população que trabalhava ou frequentava o Centro da cidade. Portanto, era um jornal que circulava e tinha um público leitor e significativo.

Na perspectiva apontada por Brito Neto (2019), como o *Top News* era um jornal de impacto social e cultural, a partir do momento em que a Projornal se responsabilizou por ele, a Cooperativa obteve muita visibilidade, tanto é que passou a conceber e a executar outros impressos com editorias bastante diversificadas voltadas para associações de moradores, sindicatos, prefeituras e até empresas.

Contudo, assim como ocorreu com a ampla maioria dos periódicos impressos alternativos no Brasil, tanto o *Top News* quanto a Projornal sucumbiram ao modelo mercadológico de produção jornalística. Para Brito Neto (2019, n.p.), o maior problema enfrentado pela Projornal foi a falta de dinheiro, de estrutura e de gestão:

A renda dos jornais editados não era suficiente para cobrir os custos rotineiros: do que sobrava de um pagamento, pagava-se a gráfica; do restante, rateavam-se 15%, sendo 10% para a manutenção e 5% para reposição de capital. Na época, havia uma crise no *mercado jornalístico*, com demissões de profissionais da área (*TopNews*, *Folha de Goyaz* e *Diário da Manhã*

---

fecharam suas redações). Obviamente, a PROJORNAL não era a solução para este tipo de crise. Estes profissionais foram para a cooperativa, sem a contrapartida de garantia de suas cotas de associados. Ela terminou assumindo compromissos além de sua capacidade financeira. O *Jornal de Deboche*, nascido na época, era formalmente associado à PROJORNAL, mas era feito por equipe especial que alavancava até sua forma de sustentação. Este jornal seguia o modelo de *O Pasquim* (RJ), mas deveria cumprir papel semelhante ao jornal da COOJORNAL(RS). Não funcionou. Eram contextos diferentes: em Porto Alegre, a cooperativa dava sustentação ao jornal. Não havia esta condição em Goiás. A experiência durou apenas oito edições. Na época, um grupo de jornalistas desempregados propôs a edição de um jornal esportivo, como tabua de salvação. (Grifos do entrevistado).

Ainda de acordo com Brito Neto (2019), sem dinheiro, sem patrimônio e com problemas de gestão, a PROJORNAL chegou ao fim, pois havia muitas demandas concernentes à necessária estruturação da Cooperativa e poucos recursos humanos e financeiros para dar conta de um sonho tão grande.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar a história do *Top News* e da Projornal é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade para a História da Imprensa goiana e nacional. Experiências como estas são importantes por diversos fatores, dentre os quais destaca-se a representatividade no que diz respeito ao exercício do jornalismo em determinados contextos políticos e sociais, e também em como a Imprensa sempre dialoga com a sociedade ao longo do tempo, sendo de certa maneira tanto um reflexo de ideias vigentes quanto resistência das mesmas.

Tanto o *Top News* quanto a Cooperativa estão atrelados a contextos de resistência e, ao mesmo tempo, de inovação, seja movido por dificuldades e entraves políticos e econômicos ou alimentados por paixões, ideais e um *ethos* caracterizado por desejos e ações voltadas para um jornalismo engajado, crítico e autossustentável. A isso se soma ainda a luta pela democracia, especialmente no contexto dessas duas iniciativas vinculadas à Imprensa Alternativa, que teve papel fundamental na formação e na informação crítica e de resistência.

Narrar essa história, e, mais ainda, tendo como suporte possível fontes que estiveram à frente dos processos de concepção e produção do *Top News* e da Projornal é uma oportunidade de conhecimento e de registro da História da Imprensa goiana que não deve ser desperdiçada. Desvendar e trabalhar com objetos que, até agora, estão

---

silenciados na História da Imprensa goiana e precisam, urgentemente, sair da invisibilidade e ganhar mais força enquanto prática e aplicação de saberes que movem o mundo é, sem dúvida, um desafio e um exercício enriquecedor.

## REFERÊNCIAS

DA PROJORNAL. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história.** Goiânia: CERNE, 1980, p. 365-367.

BRITO NETO, Joãomar Carvalho de. **Entrevista** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[mskalyne@gmail.com](mailto:mskalyne@gmail.com)> em 16 de janeiro de 2019.

FERREIRA, M. D. História oral e tempo presente. In: MEIHY, J. C. S. B. (org.). **(Re)introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

LANG. A. B. S. G. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. B. (org.) **(Re)introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

PESSANHA, E. Fronteiras disciplinares e o uso da história oral: por quem, de quem, para quem?. In: MEIHY, J. C. S. B. (org.). **(Re)introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

LANG. A. B. S. G. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. B. (org.) **(Re)introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

RODOVOALHO, Mariane. Lições de um jornalismo debochado. In: **Vozes da Democracia: histórias da comunicação na redemocratização do Brasil.** São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Intervezes : Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2006, p. 168-180.